

Helio Henrique Kuronuma

**PARALELO DAS CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS ENTRE AS CRISES
ECONÔMICAS DA DÉCADA DE 20 E A DE 2008.**

Assis

2010

HELIO HENRIQUE KURONUMA

**PARALELO DAS CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS ENTRE AS CRISES
ECONÔMICAS DA DÉCADA DE 20 E A DO SÉCULO XXI.**

Trabalho de conclusão de Curso
apresentado ao Instituto Municipal
de Ensino Superior de Assis, como
requisito do Curso de Graduação.

Orientador: Dr. Reynaldo Campanatti Pereira

Área de Concentração: _____

Assis

2010

FICHA CATALOGRAFICA

KURONUMA, Helio

Paralelo das causa e conseqüências entre as crises econômicas da década de 20 e a do século XXI / Helio Henrique Kuronuma. Fundação Educacional do Município de Assis - FEMA –Assis, 2010.

Numero de paginas (60p.)

Orientador: Dr. Reynaldo Campanatti Pereira.

Trabalho de Conclusão de Curso – Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis – IMESA.

1. Crises Econômicas. 2. Macroeconomia.

CDD: 658

Biblioteca da FEMA

PARALELO DAS CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS ENTRE AS CRISES ECONÔMICAS DA DÉCADA DE 20 E A DO SÉCULO XXI.

HELIO HENRIQUE KURONUMA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis como requisito do Curso de Graduação analisado pela seguinte comissão examinadora.

Orientador: Dr. Reynaldo Campanatti Pereira

Analisador (1): Ms. Marcelo Manfio

Assis

2010

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu paizão, que doou suor e lágrimas para que eu pudesse concluir essa graduação, à minha mãe que me incentivou nas horas que mais precisei e ao meu tio Itiro que sempre me apoiou. Amo vocês.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a DEUS, pois sem ELE constantemente ao meu lado nada conseguiria fazer.

À mulher da minha vida, Larissa, minha esposa que esteve ao meu lado, nas horas boas e ruins, eu te amo e sem você não teria conseguido.

Ao meu irmão Jaks que como sempre me ajudou em tudo, amigo para todas as horas.

E a todos meus amigos que contribuíram direta ou indiretamente com esse trabalho.

“É muito melhor arriscar coisas grandiosas, alcançar triunfos e glórias, mesmo expondo-se a derrota, do que formar fila com os pobres de espírito que nem gozam muito nem sofrem muito, porque vivem nessa penumbra cinzenta que não conhece vitória nem derrota”

Theodore Roosevelt

(1858-1919)

RESUMO

Este trabalho descreve a importância das crises para o desenvolvimento da economia e traça um paralelo mostrando o comportamento do mercado mediante as duas mais importantes crises já ocorridas, a Grande Depressão Econômica de 1929 e a Crise Imobiliária de 2008, destacando suas semelhanças e diferenças em relação às causas, conseqüências e métodos para reversão das mesmas.

Para elaboração deste trabalho foram realizadas pesquisas em livros, jornais e internet sobre o histórico das crises. Através destas informações foi possível concluir que, apesar das duas crises terem como país de origem os Estados Unidos e terem contato com erros de administração deste país para potencializar seus efeitos, a crise de 1929 causou muito mais danos à economia mundial do que a crise de 2008. A predominância do padrão ouro, a falta de conhecimento do mercado e a inexistência de ferramentas que auxiliassem na reversão da crise, tornaram a crise de 1929 a mais severa da história.

ABSTRACT

This paper describes the importance of crises for economic development and draws a parallel of the behavior of the market by two major crises have occurred, the Great Depression of 1929 and the Subprimes Crisis of 2008, highlighting their similarities and differences with respect to causes, consequences and methods to reverse them.

For elaboration of this work were carried out research in books, newspapers and internet about the history of crises. From this data it was concluded that, despite having two crisis the home country the United States and have contact with errors in administration of this country to maximize its effect, the crisis of 1929 caused more damage than the global economy crisis 2008. The predominance of the gold standard, lack of market knowledge and the lack of tools that would help in reversing the crisis, the crisis of 1929 became the most severe in history.

Lista de Ilustrações.

Figura 1 – Países Afetados pela Crise(2007-2008).....43

Lista de Tabelas

Tabela 1 – As 10 Maiores Crises Econômicas.....	21
Tabela 2. Produção Bélica Estadunidense.....	23
Tabela 3. Variáveis Econômicas dos EUA.....	24
Tabela 3 - Indicadores Econômicos dos EUA: 2007-2009(março).....	41
Tabela 4 – Taxa de Crescimento PIB (%) dos Países mais Influentes.....	42

Lista de Gráficos.

Gráfico 1:Ciclos econômicos de Juglar.....	18
Gráfico 2:Ciclo Econômico segundo Kondratief.....	19
Gráfico 3 :Quantidade de empregos formais nos Estados Unidos (1929-1942).....	27
Gráfico 4:Emprego rural na Crise de 1929.....	29
Gráfico 5: A Queda das ações durante a quebra da Bolsa de Valores.....	30
Gráfico 6:Taxa de Juros Norte Americana.....	36
Gráfico 7:Evolução dos Financiamentos Imobiliários <i>Subprime</i>	38
Gráfico 8:Preço dos imóveis residenciais nos EUA – 1992 a 2008.....	39
Gráfico 9 - Paralelo Produção Industrial 1929 e 2008.....	48

SUMÁRIO

Sumário	13
INTRODUÇÃO.....	15
1. Ciclos Econômicos e as crises.....	17
1.1 Conceito de Depressão Econômica.....	17
1.2 Histórico das Crises	17
1.3 Ciclos Econômicos.....	18
1.4 Principais Crises.....	21
2. A Grande Depressão Econômica da década de 20.....	23
2.1. Antecedentes à Crise	23
2.2. A Crise	26
2.3. A superação da Crise	32
3. A Crise Imobiliária dos EUA	35
3.1 A origem da Crise	35
3.2 O “boom” imobiliário.....	38
4. Paralelo Entre as Crises.....	47
4.1 Paralelo entre as causas.....	47
4.2 Paralelo entre os Índices econômicos.....	48
4.2.1 Produção Industrial	48
4.2.2 Desemprego	49
4.3 Paralelo entre as ações para reversão da crise.....	50
4.4 Evolução econômica mundial.....	51

Considerações finais.....53

Referências.....55

INTRODUÇÃO

Uma crise econômica é, basicamente e de uma forma geral, um desequilíbrio entre produção e consumo e está presente desde o começo da história da humanidade.

Antes do capitalismo, as crises eram determinadas pela escassez súbita de um bem, provocada geralmente por fatores naturais (secas, inundações, epidemias e outras.) ou por guerras e revoluções.

As crises, portanto, fazem parte da economia e, independentemente de sua intensidade, suas causas dividem os estudiosos e suas conseqüências podem ser muito diferentes, pois dependem de como os governos e o próprio mercado reagem aos fatos.

A economia, no entanto, não se trata de uma ciência experimental, mas social aplicada, não podendo prever exatamente como o mercado se comportará mediante fatores externos, tal como especulações e, se estes por sua vez, levarão a uma crise. A melhor e mais utilizada maneira de estudar os possíveis comportamentos do mercado é, portanto, dispor de ferramentas comparativas que nos permitam traçar um paralelo com uma situação anterior similar a atual, evitando assim que se repitam erros já cometidos.

Pensando nisso, o presente trabalho traz um paralelo entre duas grandes crises distintas que têm sido motivo de comparação de alguns autores: A Grande depressão Econômica da década de 20 e a Crise Imobiliária dos Estados Unidos da América em 2008/2009.

A Grande Depressão, que será estudada com detalhes no capítulo 2, teve como ignição o setor de produção. Após a economia estadunidense crescer de uma forma espantosa no período posterior à primeira guerra mundial, devido a alta lucratividade que o país teve com as exportações de equipamentos bélicos; alimentos e produtos industrializados, os americanos passaram a exibir o conhecido “estilo de vida americano”, modalidade comportamental em que se destaca o consumismo. No entanto, com o protecionismo norte americano, os países europeus que importavam

esses produtos passaram a importar cada vez menos e isso resultou numa sobra de produtos no mercado dos Estados Unidos. Isso significa que, a oferta era maior demanda. Como consequência, os preços desses produtos despencaram e a economia passou a não produzir mais como antes, fazendo com que os níveis de desemprego subissem assustadoramente e as empresas fechassem as portas.

Já a chamada Crise Imobiliária ou Crise do subprime, que será mais bem abordada no capítulo 3, teve como fator iniciante as baixas taxas de juros empregadas pelo Federal Reserve (Banco Central americano) a fim de incentivar investimentos para o setor imobiliário.

Os bancos, portanto, começaram a conceder crédito com maior facilidade, até chegarem aos subprimes, que são clientes com histórico de inadimplência, renda instável ou sem comprovação e outras barreiras que os impediam de realizar financiamentos. Com a entrada dos subprimes no sistema de hipotecas, a economia passou a sair do controle, o índice de inadimplência subiu alarmantemente causando um endividamento da população, falta de liquidez nos bancos e grande baixa nos valores dos imóveis, fatores que acabaram causando uma gigantesca desaceleração econômica.

Essas duas crises tiveram impacto nas várias esferas econômicas (produção, investimento, emprego e outras.) causando recessão, porém, com intensidade diferente para cada uma das variáveis. A principal ferramenta utilizada que proporcionou tal diferença e que indica certamente uma evolução qualitativa do mercado econômico também é apontada neste trabalho.

1. CICLOS ECONÔMICOS E AS CRISES

1.1 Conceito de Depressão Econômica

Entende-se por depressão econômica uma acentuada desaceleração da economia, baixo nível de produção e investimento, que levam a inúmeras falências de empresas de todos os portes, aumento atípico nos índices de desemprego, restrição ao crédito, instabilidade cambial, hiperinflação e crise de desconfiança generalizada.

1.2 Histórico das Crises

As Depressões, ou Crises Econômicas existem desde que o homem passou a se estruturar em grupos sociais e posteriormente realizar transações comerciais. Porém, as crises eram atribuídas a fatores estranhos à ciência econômica atual, como por exemplo, às fases da Lua ou até mesmo a intervenções dos deuses. Hoje sabemos que, antes da economia ser tornada ciência, ela era predominantemente de subsistência, podendo ser prejudicada por longos períodos de estiagem, chuvas excessivas ou guerras e outros fatores que faziam com que os produtos da agricultura e pecuária ficassem mais escassos, levando assim, um determinado país à crise.

A revolução industrial tornou a estrutura econômica muito mais articulada e, conseqüentemente mais complexa. Por possuir diversas atividades, era praticamente impossível analisar ou prever com os recursos disponíveis na época, como a economia se comportaria. Por isso as crises contemporâneas, ao contrário das crises de períodos anteriores, não tinham explicações aparentes para

ocorrerem. Não havia fúria de deuses, fenômenos climáticos ou guerras que explicassem as depressões da economia. Não se explicava como em um instante as atividades econômicas que estavam a todo vapor se desmoronavam. Essas instabilidades na economia, que mais tarde ficaram conhecidas como ciclos econômicos, intrigavam estudiosos que se mobilizaram a fim de explicá-las.

1.3 Ciclos Econômicos

O mistério dessa sucessiva alternância de períodos de extrema euforia e fortes crises na economia começou a ser desvendado inicialmente por Lord Overstone em 1857 e em seguida por Clément Juglar em 1862. Estes economistas concluíram que a economia era cíclica por natureza, ou seja, essa oscilação da economia vem ocorrendo desde quando surgiu o pensamento econômico e ocorrerá até quando ele existir.

Por definição, ciclo econômico é a oscilação periódica do aumento e da queda das variáveis econômicas, tais como emprego, investimento, produção, etc. Essas instabilidades podem ser divididas em duas partes (prosperidade e depressão) ou ainda em quatro partes, que são:

- **Expansão:** é a fase do ciclo econômico em que toda atividade econômica se apresenta em uma fase de prosperidade. O auge dessa fase é impossível de ser identificado ou previsto, pois a expansão pode durar quatro anos ou quatro meses.
- **Contração:** é a fase do ciclo econômico em que as atividades econômicas se encontram em um período de decadência, ou seja, é o momento onde as atividades econômicas perdem a prosperidade encontrada na fase de expansão.
- **Recessão:** é o período de três trimestres consecutivos em que o Produto Interno Bruto (PIB) apresenta crescimento negativo.
- **Recuperação:** essa fase do ciclo econômico é caracterizada pela retomada das atividades econômicas, ou seja, é a fase onde se percebe um aumento na geração de empregos, na produção, nos investimentos e nas vendas.

(disponível em:

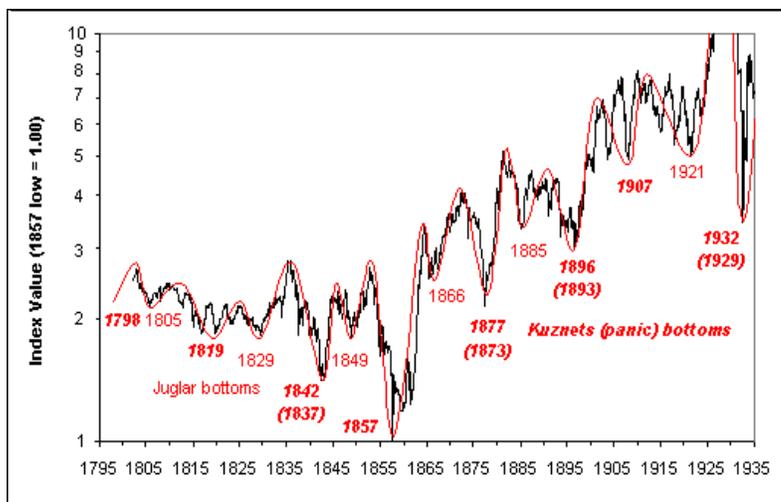
O ciclo econômico tem início num ponto de equilíbrio geral, entra posteriormente em desequilíbrio e torna a entrar em um novo equilíbrio diferente do anterior.

É importante salientarmos que, nenhum ciclo é semelhante a outro, pois eles se diferenciam em sua intensidade e duração. A duração de um ciclo é impossível de ser calculada, porém suas fases podem ser previstas.

Quanto à duração, os ciclos podem ser classificados de três maneiras:

- Curto prazo (3 a 4 anos): o economista Joseph Kitchin desenvolveu a teoria que consistia em enxergar dentro de grandes ciclos, outros ciclos econômicos com durações menores de 40 meses.
- Médio prazo (7 a 11 anos): Clemente Juglar em 1862 através de pesquisas sobre a movimentação da economia desenvolveu sua teoria, a qual afirmava que os ciclos econômicos duravam entre 7 a 11 anos. Para teorizar tal afirmação Juglar estudou estatisticamente a periodicidade dos movimentos da economia e utilizou as características dessas movimentações para dividir o ciclo econômico nas 4 grandes fases já vistas anteriormente neste trabalho: expansão, contração, recessão e recuperação.

Gráfico 1: Ciclos econômicos de Juglar

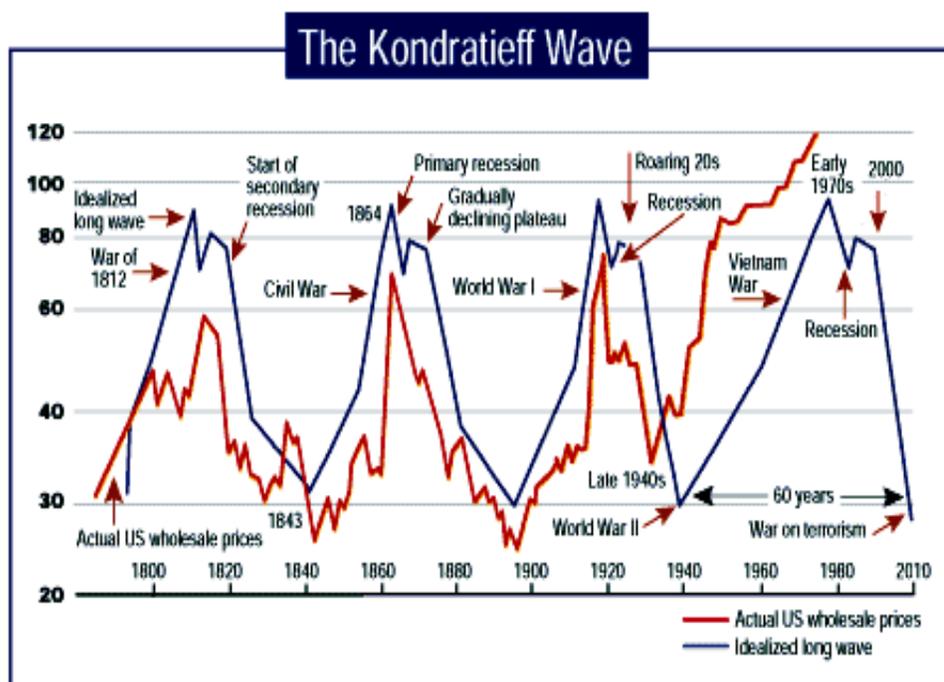


Fonte: <http://www.safehaven.com/article/85/generations-and-business-cycles-part-i>

Neste gráfico podemos visualizar o estudo realizado por Juglar. Estão representadas na linha de cor preta as movimentações da economia durante o período de 1975 a 1935, e nas linhas vermelhas está representada a teoria que Juglar idealizou. Nela constatamos que neste período houveram vários ciclos e que em nenhum deles a duração foi superior a onze anos ou inferior a 7 anos. Constatamos também que nenhum ciclo é idêntico ao outro, mesmo tendo as mesmas durações os ciclos se diferenciam quanto a sua intensidade.

- Longo prazo(50 a 60 anos): O economista russo Nikolai Kondratieff em 1926 publicou um estudo chamado “*Long Waves In Economic Life*” que traduzindo para o português significa As grandes ondas na Vida Econômica. De acordo com esse estudo, a economia mundial se movimentava em grandes ciclos de 50 a 60 anos, que alternavam entre períodos de grande prosperidade e períodos de grande recessão.

Gráfico 2: Ciclo Econômico segundo Kondratieff.



Fonte: <http://jackblackjack.com.br/nikolai-kondratieff-ja-sabia-da-crise/>

No gráfico 02 podemos observar representado pela linha de cor azul a “riqueza do mundo” em momentos entre 1800 a 2010. Essa riqueza pode ser medida através da quantidade de compras no atacado, com isso era possível saber o poder de compra da população mundial. Se a população comprasse muito isso significava que a economia estava aquecida e em prosperidade e, se a quantidade de compras caísse significava que a economia estava entrando em recessão e defasagem.

Já a linha vermelha representa as vendas de atacado dos Estados Unidos nos mesmos períodos analisados na linha azul. Essa linha foi traçada com dados mais precisos da economia.

Com essas informações podemos perceber que a linha vermelha, com dados precisos da economia Norte Americana, acompanha fielmente as ascensões e recessões sugeridas por Nikolai Kondratieff e que em todos os ciclos a duração é superior a cinquenta anos e inferior a sessenta.

1.4 Principais Crises

Estudando a história do capitalismo mundial, podemos notar que já houveram crises que desestruturaram a economia mundial, causando danos terríveis a países e suas populações. Segue abaixo as consideradas 10 maiores crises já vistas na história mundial:

Tabela 1 – As 10 Maiores Crises Econômicas

A Grande Depressão (1929)	Em outubro de 1929, as ações de Wall Street começaram a acumular sucessivas e violentas quedas. Até 1932, as ações no mercado americano perderam 90% de seu valor e um terço da população estava desempregada. Foi a maior crise financeira da história dos EUA e até hoje economistas teorizam a respeito das reais causas da quebra da bolsa. .
Primeira Crise do Petróleo (1973)	Com a Guerra do Yom Kippur, a Organização dos Países Árabes Exportadores de Petróleo decide cancelar a exportação de petróleo para países que apoiaram Israel no conflito com o Egito e a Síria. Como resultado, os preços do produto dispararam e atingem a casa dos US\$ 12 em 1974, quatro vezes maior do que no ano anterior.
Segunda Crise do Petróleo (1979)	Em meio à Revolução Iraniana, Ayatollah Khomeini assume o poder do país e passa a controlar a produção de petróleo, causando uma segunda disparada nos preços do produto - potencializada pelos temores de racionamento energético nos EUA. O valor do barril chegou perto dos US\$ 40, o pico da década.
Moratória Mexicana (1982)	O México atola-se em uma crise que culmina com a surpreendente moratória do governo mexicano em agosto de 1982. Mais de 40 países recorreram ao FMI, incluindo o Brasil, que viu a retração de seu PIB em 5% e a inflação ultrapassar os 200%
Queda Histórica (1987)	Em 19 de outubro de 1987, o índice Dow Jones sofre a maior queda de sua história em um único dia: 22,6%. A combinação de temores com os empréstimos bancários, a desaceleração da economia e a desvalorização da moeda americana injetou pânico nos mercados americanos e o temor se alastrou pela Europa e pelo Japão. O Brasil quebrou novamente, suspendendo o pagamento da dívida. Na ocasião, como na atual crise, o Fed e outros BCs do mundo rapidamente intervieram, baixando taxas de juros. Na prática, foi a primeira crise que demonstrou o potencial de rápido contágio do pânico num mercado financeiro globalizado.
Crise da Ásia (1997)	Em 1997, um rápido processo de fuga de capitais e desvalorização cambial entre os chamados Tigres Asiáticos - Tailândia, Malásia, Coreia do Sul, Hong Kong, Indonésia e Filipinas - espalha medo nos mercados internacionais, em grande parte pela surpresa de ver mercados supostamente sólidos e confiáveis sucumbirem a uma crise financeira. O mercado dos emergentes foi afetado pela primeira vez.
Crise da Rússia (1998)	Com a crise asiática, o preço dos commodities caiu em todo mundo e a Rússia, cuja economia depende largamente da exportação de commodities como gás natural e petróleo, declarou calote de sua dívida externa privada de curto prazo. A manobra acendeu a luz de alerta entre os investidores, que passaram a evitar mercados emergentes. Após ter passado quase sem sentir os efeitos da crise da Ásia.
Ataques do 11/09 (2001)	A semana mais violenta na história das bolsas dos EUA, por qualquer indicador financeiro. A queda de 1370 pontos no índice Dow Jones foi uma das piores do século, com os investidores perdendo mais de 8 trilhões de dólares, ou 10% do valor total do mercado de ações. Uma recessão moderada atingiu os Estados Unidos, e surgiram as primeiras advertências sobre os riscos no mercado imobiliário.
Crise Imobiliária (2008)	A crise que afeta o mercado financeiro nos EUA e arrasta os negócios no mundo teve origem nas hipotecas americanas. Com o baixo juro e as boas condições de financiamento, muitas pessoas compraram imóveis e se endividaram. O juro subiu, a economia desaqueceu e a inadimplência aumentou. Os bancos que emprestaram dinheiro começam a mostrar o rombo. Além disso, o preço dos imóveis caiu. Pagando uma prestação mais alta e com o valor do bem menor, os norte-americanos reduziram o consumo. Às portas da recessão, os EUA anunciaram a maior reforma no sistema de regulamentação financeira desde 1929

Fonte: Estadão <<http://www.estadao.com.br/especiais/as-grandes-criSES-economicas.15167.htm>>

2. A GRANDE DEPRESSÃO ECONÔMICA DA DÉCADA DE 20

Neste próximo capítulo veremos todos os fatores que causaram a Grande Depressão econômica de 1929, as conseqüências da crise e quais foram as intervenções feitas pelos governos para conseguir revertê-la, uma vez que esta trouxe conseqüências desastrosas a níveis globais e é objeto de estudo deste paralelo.

2.1. Antecedentes à Crise

A crise financeira ocorrida na década de 20, também chamada de A Grande Depressão Econômica, teve como principal precursor os Estados Unidos.

Em conseqüência à primeira guerra mundial, a Europa teve praticamente toda a sua infra-estrutura econômica destruída. Com isso, os Estados Unidos passaram a ser a maior potência econômica mundial, pois com o grande déficit econômico, os países europeus começaram a depender da tecnologia, do capital e dos mercados dos Estados Unidos. Segundo Keynes (1920 apud FRIEDEN, 2008, p. 174) a respeito do tesouro britânico:

As somas que esta nação pedirá emprestadas aos Estados Unidos da América nos próximos seis a nove meses são imensas, correspondem a tantas vezes na nossa dívida nacional que será necessário apelar a cada classe e setor investidor desse país... Não é um exagero dizer que o Executivo e o público norte americano estarão numa posição de ditar o que este país deve fazer em relação às questões que nos afetam bem mais do que às que afetam a ele.

O que mais impulsionou o crescimento econômico dos Estados Unidos foi ter fornecido matérias-primas, alimentos e armas para os países em guerra. Assim,

enquanto a guerra significava enormes prejuízos para os países europeus, para os EUA era motivo de prosperidade. É o que ilustra Frieden (2008, p. 146):

Os Estados Unidos estavam em uma posição melhor para suprir a demanda por alimentos e armamentos. Em menos de três anos após a oficialização norte-americana, de agosto de 1914 a abril de 1917, as exportações do país cresceram mais de duas vezes. O superávit comercial norte-americano quintuplicou em relação aos índices do pré-guerra, acumulando mais de US\$6,4 bilhões. Quase todo esse dinheiro vinha do comércio com os aliados. As vendas de munição norte-americana no exterior, que em 1914 geravam apenas US\$40 milhões, passaram a render US\$1,3 bilhão em 1916. A produção agrícola disparou quando a Grã-Bretanha passou a contar com os alimentos da América do Norte para substituir os habituais fornecedores europeus.

A produção de equipamentos bélicos movimentou grande parte da indústria dos Estados Unidos e a tabela 2 quantifica a produção média anual no período da primeira guerra mundial.

Tabela 2. Produção Bélica Estadunidense

Produto	Media de Produção
Rifles	3.550.000 (Unidades)
Metralhadoras	226.557 (Unidades)
Pólvora	632.504.000 (Barris)
Gás Tóxico	10.817 (tons)
Motores de Aviões	13.574 (Unidades)
Unidades de artilharia	3.077 (unidades)

Fonte: Ayres (1919, *passim*)

<<http://eh.net/encyclopedia/article/Rockoff.WWI>>

A valorização do dólar (moeda estadunidense) era de tamanha proporção que forçou a substituição temporária do padrão ouro pelo padrão dólar. Ou seja, toda transação financeira internacional, fosse pagamentos ou recebimentos de dívidas, eram realizadas com dólares norte americanos.

A tabela a seguir mostra, através de números reais, o desenvolvimento norte americano no período entre 1916 a 1920. Serão comparadas as variáveis econômicas de maior importância na análise do desenvolvimento da economia de um país.

Tabela 3. Variáveis Econômicas dos EUA

Variáveis Econômicas dos EUA	1916	1917	1918	1919	1920
Produção Industrial (1916=100%)	100%	132%	139%	137%	108%
Receitas do Governo Federal (milhões de Dólares)	\$930	\$2373	\$4388	\$5889	\$6110
Gastos do Governo Federal (milhões de Dólares)	\$1333	\$7316	\$15585	\$12425	\$5710
Reserva Monetária (Bilhões de Dólares)	\$20,7	\$24,3	\$26,2	\$30,7	\$35,1
PIB - Produto Interno Bruto (Bilhões de Dólares)	\$46,0	\$55,1	\$69,7	\$77,2	\$87,2
Remuneração salarial média	\$751	\$748	\$802	\$813	\$823

Fonte: U.S. Bureau of the Census (1975),

<<http://eh.net/encyclopedia/article/Rockoff.WWI>>

Este país se tornou o maior credor do mundo, emprestando dinheiro não só para a Inglaterra, mas também para a França, Alemanha e outros. Frieden (2008, p. 157) escreve sobre o volume investido na economia europeia pelos Estados Unidos:

Mais de US\$1 bilhão por ano em empréstimos brotavam de Nova York, de 1919 a 1929. Nos anos mais prósperos, em Wall Street, os títulos estrangeiros que circulavam equivaliam a apenas 1/3 do que girava em Ações de empresas dos Estados Unidos. De 1924 a 1928, os norte-americanos emprestavam, em média, US\$500 milhões por ano para a Europa, US\$300 milhões para a América Latina, US\$200 milhões para o Canadá e US\$100 milhões para a Ásia. Os norte-americanos pareciam incansáveis em financiar empreendimentos em lugares dos quais, uma década antes poucos ouviam falar; 36 bancos de investimentos norte-americanos brigavam pelo privilégio de mandar seus títulos para a cidade de Budapeste, 14 competiam por Belgrado, e um vilarejo na Bavária, que desejava US\$125 mil, foi convencido a pegar um empréstimo de US\$3 milhões.

Com o grande investimento estadunidense, a Europa iniciou sua escalada rumo a restauração de sua economia ao nível anterior à guerra. Entre 1925 a 1928 a produção mundial cresceu cerca de 20%, mas a Europa teve um crescimento ainda mais acelerado.

Porém, esse frenesi de crescimento estava prestes a sofrer uma parada inesperada e surpreendente. Os anos seguintes a 1929 ficariam marcados para sempre na história do mundo como a maior reviravolta econômica mundial que será discutida a seguir.

2.2. A Crise

A hegemonia norte-americana se estendeu até meados de 1920, pois ainda nesta época, a Europa estava voltada à reconstrução de suas indústrias e cidades.

Nos Estados Unidos facilitava-se o crédito para que pequenos investidores comprassem ações na Bolsa de Valores. Os grandes investidores especializavam-se na compra e venda de ações, fazendo fortuna de um dia para o outro.

Entretanto, no final da década de 20, as nações européias já tinham reconstruído a sua economia, diminuindo de forma drástica a importação de produtos industrializados e agrícolas dos Estados Unidos. Como consequência, as indústrias norte-americanas, que já não vendiam como antes, começaram a aumentar o seu estoque de produtos. Frieden (2008, p.162) traz uma comparação irônica entre essa posição internacional dos Estados Unidos e o mundo fantástico de Alice no País das Maravilhas:

Uma Alice confusa e um tanto desconfiada fez à liderança republicana algumas perguntas simples:

_A impressão e venda de mais ações e títulos, a construção de novas fábricas e o aumento da eficiência não produziram mais mercadorias do que poderíamos comprar?

Não gritou Humpty Dumpty. Quanto mais produzimos, mais poderemos comprar.

_E se produzimos em excesso?

_Veja, poderemos vender para os estrangeiros.

_Como os estrangeiros pagariam por eles ?

_Nós emprestaremos dinheiro.

Entendo disse a pequena Alice. Eles vão comprar o nosso excedente com o nosso dinheiro? Claro, os estrangeiros irão nos pagar de volta com a venda dos produtos deles?

Ah, de forma alguma disse Humpty Dumpty._ Nós construiremos um muro alto chamado tarifa.

E disse por fim Alice_ como os estrangeiros irão nos devolver esses empréstimos ?

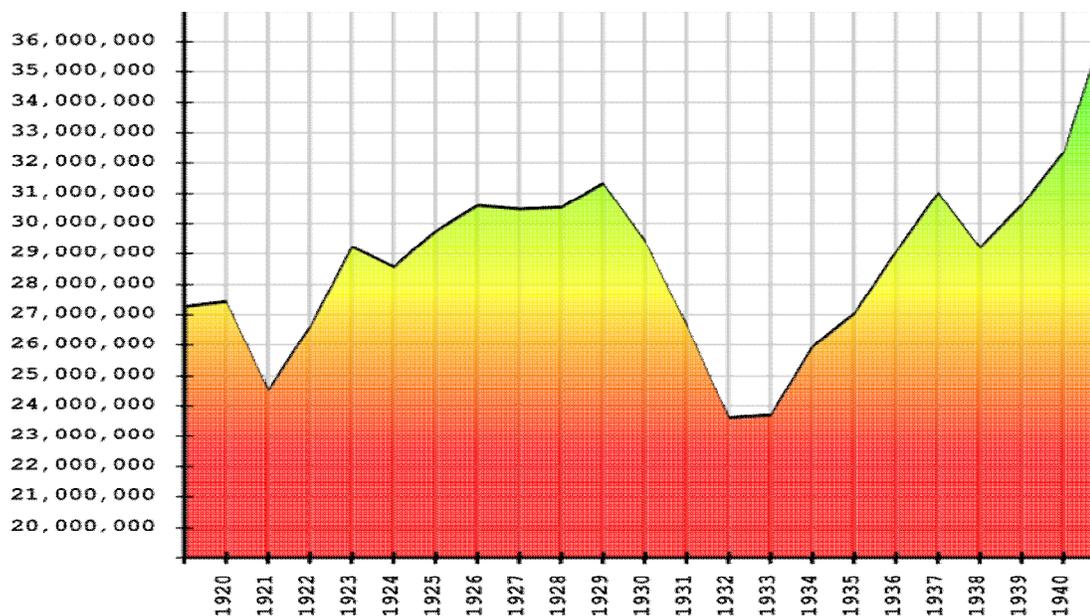
_Isso é fácil - disse Humpty Dumpty.- Você já ouviu falar em moratória?

Já em 1928, o aumento de investimentos em ações não correspondia com a produção que, como supracitado, tinha caído e, o preço das ações da Bolsa de New York mantinha-se em nível elevado, o que era um paradoxo. Essa situação era sustentada pelos especuladores, que se referem às operações financeiras que visavam obter lucros com a compra e venda de títulos, cujo valor oscila conforme o desempenho do mercado. Esse foi o grande fator que auxiliou na propagação da crise, pois havia uma grande diferença entre o preço esperado das ações e o valor real dos ativos das empresas. Grieco (1999, p. 171) faz um comentário a respeito disso no seguinte trecho:

A especulação nas Bolsas começou a crescer desenfreadamente. Nos Estados Unidos o índice de ações cresceu de 100 (1926) para 291 em setembro de 1929. Os preços das ações industriais em Londres subiram de 120 (1927) para 150 (1929) e na Alemanha de 40% no mesmo período. Ocorreram aumentos substanciais, nos demais centros europeus, dos preços de novas subscrições ou de emissões puramente especulativas. As primeiras falências começaram a surgir na Europa antes do que nos Estados Unidos. *Rotschild* viu-se obrigada a retirar fundos de Nova York para salvar seu banco vienense. Bancos da City e investidores particulares começaram a vender suas ações americanas, deslançando o processo da Grande Depressão.

Com a queda do consumo na Europa e a conseqüente diminuição da produção, logo apareceu o desemprego, conforme mostra o gráfico abaixo:

Gráfico 3 – Quantidade de empregos formais nos Estados Unidos (1929-1942)



Fonte: <http://arsgratiars.blogspot.com/2008/11/new-deal.html>

Através deste gráfico notamos o grande déficit dos postos de trabalho no auge da crise, ou seja, entre os anos de 1929 e 1933, que contabilizaram milhões desempregados até os primeiros meses de 1933. Neste período um em cada 4 norte americanos estavam desempregados.

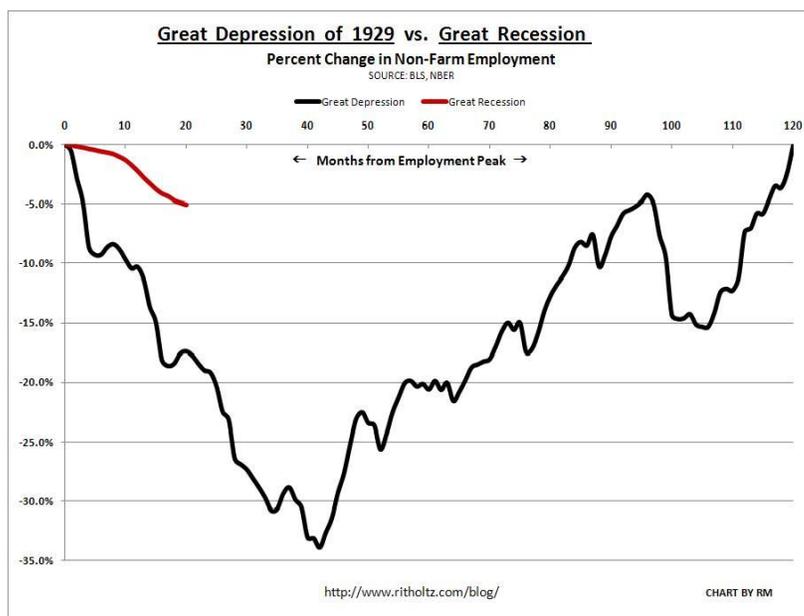
No campo, os efeitos também foram arrasadores, pois com a diminuição das exportações, os grandes proprietários não conseguiam saldar suas dívidas contraídas anteriormente na aquisição de terras e equipamentos. Se não bastasse, ainda foram forçados a pagar taxas elevadas para armazenar os grãos, o que os levou a acumulação de dívidas e à falência. Esta situação de descontentamento norte-americano no campo é descrita ainda por Frieden (2008, p.197):

O sofrimento era ainda mais pronunciado entre os países e cidadãos que se especializaram na produção de matérias- primas e produtos agrícolas, cujos preços caíram duas a três vezes mais que os de outros bens, e naquele ano as hipotecas de cerca de 200 mil fazendas foram executadas. O número de execuções foi de dez a 12 vezes maior que o normal; em alguns estados, foram tomadas de 25% a 30% de todas as fazendas, entre 1928 e 1934. Os Estados Unidos, como quase todos os países, foram atingidos por muitas falências na área agrícola e descontentamento social no campo

No gráfico4, podemos verificar o quanto foi impactante a crise no campo. Podemos ver representado nas linhas de cor preta a variação do emprego nas propriedades rurais. O ponto com maior déficit é exatamente no período onde a economia estava se recuperando, ou seja , em 1933 o índice de emprego no campo tinha caído quase 35% .

É interessante observamos que a em exatos 120 meses (10 anos) o índice de emprego no campo tinha voltado ao nível normal. Isso comprova a teoria de Kondratieff:

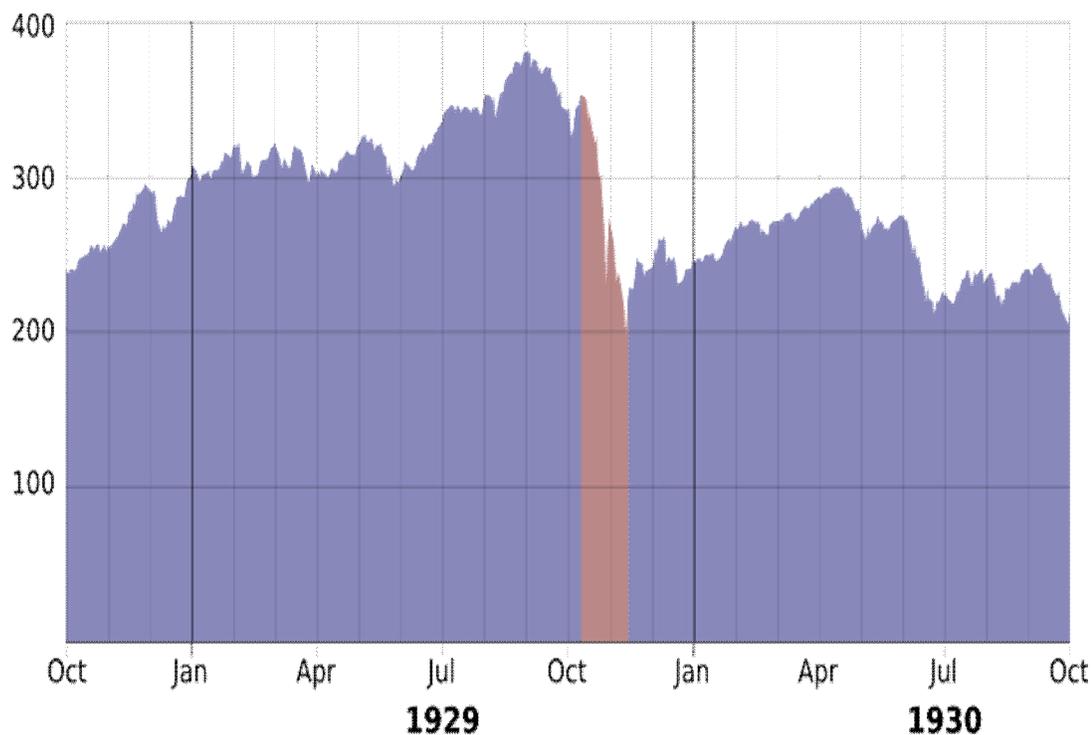
Gráfico 4 – Emprego rural na Crise de 1929



Fonte: BLS NBER.

< <http://www.ritholtz.com/blog/2009/09/1929-versus-2007-employment-change/> >

Foi em outubro de 1929 que, as empresas norte-americanas, que em sua maioria, possuíam ações na Bolsa de Valores de Nova York, além de milhões de norte-americanos que também tinham investimentos nessas ações, notando a desvalorização das mesmas, entraram numa “corrida” frenética a fim de vendê-las. Isto fez desabar os valores dos títulos. A queda das ações nesse período é demonstrada no gráfico abaixo:

Gráfico 5 – A Queda das ações durante a quebra da Bolsa de Valores

Fonte: Dow Jones

http://commons.wikimedia.org/wiki/File:1929_wall_street_crash_graph.svg

No gráfico 5 podemos ver as movimentações das ações da bolsa de valores de Wall Street nos anos 1929 a 1930. Vemos que em outubro de 1929 as ações despencaram por maior razão das fortes especulações.

Uma onda de desespero tomou conta de todos. Desemprego, falência e miséria foi o resultado da economia americana desorganizada. Todos passaram a ter medo de investir, até mesmo os empresários deixaram de aplicar dinheiro em suas fábricas. A crise atingiu fortemente todos os setores da economia.

Agricultores chegaram a queimar sua produção, uma vez que, o preço dos produtos não compensava o custo do transporte. Isso levou à falta de abastecimento de alimentos e, por consequência, espalhou a fome entre a população americana.

Não demorou muito para que os efeitos da crise se alastrassem pelo resto do mundo visto que, a economia americana era muito importante na economia mundial.

Dessa forma, os bancos norte- americanos deixaram de abrir linhas de créditos para os países estrangeiros e já não se renovava empréstimos. Enfim, no auge da crise dificilmente se via países mantendo relações comerciais. Tentando proteger suas próprias economias, os países aumentaram as taxas alfandegárias, o que reduziu ainda mais o comércio internacional. Maia (2000, p. 71) ilustra a situação nos Estados Unidos:

Nos primeiros três anos (1929 a 1932), os Estados Unidos perderam um terço de seu PIB. Os salários perderam 42% de seu poder aquisitivo. A renda dos agricultores caiu 68%. O desemprego atingiu níveis insuportáveis em cada quatro trabalhadores, um estava desempregado.

A onda de desemprego causou um enorme estrago na sociedade dos Estados Unidos, acostumados a consumirem demasiadamente, a população estadunidense não tinham dinheiro para gastar e os bancos também não tinham para conceder empréstimos . E essa queda de consumo foi um dos principais agravantes de Grande Depressão do século 20.

2.3. A superação da Crise

A recuperação da economia dos países afetados pela crise se deu de maneiras diferentes conforme seus problemas específicos, estabelecendo uma reorganização da economia em cada país. Porém, uma solução muito utilizada pelos países capitalistas, inclusive os Estados Unidos foi a intervenção do Estado na economia.

Os norte-americanos culpavam o presidente Herbert Hoover pela crise, por isso, nas eleições para presidência em 1932, Franklin Roosevelt, candidato do partido Democrata foi eleito. Este desenvolveu um programa de recuperação da economia, que ficou conhecido como *New Deal*.

O *New Deal* foi baseado nas teorias de John Maynard Keynes, que defendia a opinião de que o Estado deveria intervir na economia de forma mais enfática e decisiva. Keynes escreveu em seu livro "*National Self – Sufficiency*" (1933 apud FRIEDEN, 2008, p. 261)

Um banco não pode financiar a construção de mais fabricas, e mais propriedades para serem alugadas e de mais casa, quando metade de nossas propriedades está inativa, ociosa, pela falta de consumo e uma grande percentagem de nossas instalações comerciais está vaga na espera de inquilinos que paguem. O governo, no entanto, pode gastar dinheiro. O governo, diferentemente dos banqueiros conta com um poder da tributação e o poder de criar dinheiro, não precisando depender de lucros. A única saída para uma depressão econômica é o aumento dos gastos. Dependemos do governo para salvar os nossos sistemas de preços, lucros e créditos.

Este programa consistia em:

- O Estado assume a responsabilidade de salvar a Nação, regulamentando a sua economia, o New Deal propõe, portanto, o intervencionismo, uma vez que a superprodução originária da crise também se deveu ao liberalismo excessivo do governo norte americano em sua economia;
- Concessão, por parte do Estado, de empréstimos aos falidos, mediante emissões controladas;
- Redução da jornada de trabalho para dar oportunidade a mais pessoas de trabalharem, reduzindo o desemprego;
- Ampliação do salário do operariado para ampliar o mercado consumidor interno;
- Aumento dos benefícios da Previdência Social, como a criação do seguro-desemprego;

- O Estado promove a geração de empregos públicos nos setores urbanos não produtivos (arborização das cidades, coleta de lixo, restauração de prédios e ruas, etc), uma vez que atividades como a industrial ou agrícola não devem absorver mão-de-obra em razão da superprodução. Estimula-se, assim, o consumo, em aumentar a produção;
- Ampliação da autonomia sindical e de sua capacidade de negociação;

Com esses incentivos, no ano de 1940, a economia já havia se restabelecido.

3. A CRISE IMOBILIÁRIA DOS EUA

Certamente a crise mundial de 2008 foi o mais importante episódio econômico dos últimos 50 anos e, por um longo período de tempo a crise que deixou o capitalismo global de joelhos será fonte de produção acadêmica, e inúmeras teses serão discutidas veementemente.

Como vimos nos capítulos anteriores, o sistema econômico mundial se tornou muito complexo com o passar dos anos devido ao envolvimento cada vez mais intenso entre os mercados. A globalização maximizou esse envolvimento e fez com que qualquer má escolha realizada por um agente econômico afetasse todos os outros elementos que integram o sistema.

Foi isso que aconteceu na crise mundial que ficou conhecida como a crise imobiliária dos Estados Unidos da América.

Neste Capítulo iremos discutir sobre as origens dessa crise, bem como suas consequências e soluções.

3.1 A origem da Crise

No ano de 2001, a AOL, uma empresa americana de internet, comprou a empresa de mídia Time Warner por cerca de U\$200 bilhões. Tal fato fez com que houvesse rumores de uma possível falência da gigante da internet. Como consequência, os investidores começaram a vender suas ações, causando assim um fenômeno econômico chamado “efeito manada” que se refere exatamente ao ato de vender ações simultaneamente, acompanhando o movimento de outros investidores, costumeiramente influenciados por especulações do mercado, no intuito de não perder dinheiro.

Isso fez com que a gigantesca economia norte americana sofresse um forte abalo e, a partir de então, iniciaram-se sucessivas falências e um aumento crescente dos índices de desemprego.

De acordo com a agência de negócios de São Francisco, Webmergers.com, 225sas pontocom abandonaram seus endereços eletrônicos, porém, a Webmergers.com estima que entre 7000 a 10000 empresas de Internet continuam em operação, isso significa que, no máximo 10 % das empresas faliram, deixando pra trás um grupo de empresas mais fortes e melhores preparadas, que souberam lidar com a crise e sobreviveram.

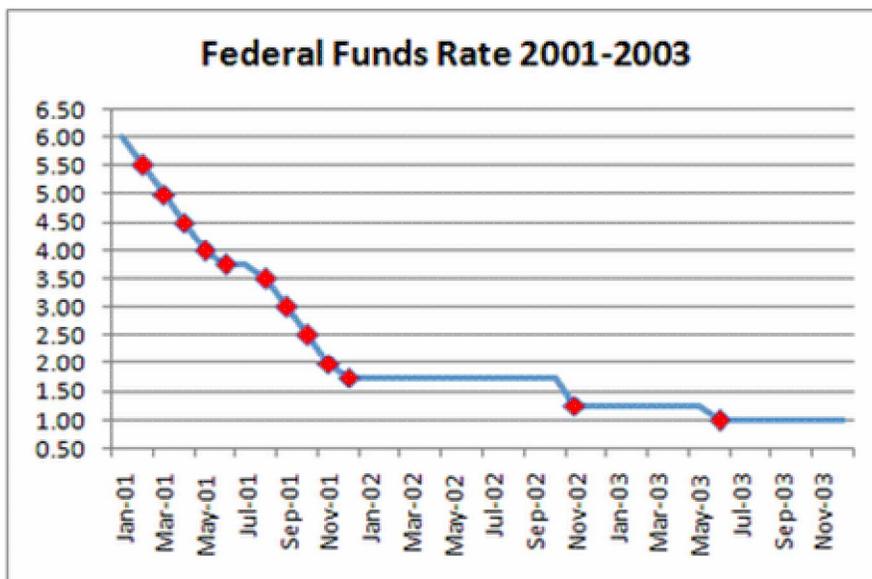
Segundo o jornal Estadão Online em sua publicação do dia 28 de dezembro de 2001:

A morte das “pontocom” provocou uma grande onda de demissões, incluindo aquelas empresas que tentaram enfrentar a tempestade do setor cortando gastos. Até novembro, empresas pontocom anunciaram 98.522 demissões, mais do que o dobro registrado em todo o ano passado (41.515 demissões), de acordo com a Chanllender, Gray & Chistimas Inc., uma agência de empregos de Chicago (disponível em: www.estadao.com.br/arquivo/tecnologia/2001/not20011228p56215.htm.)

Para reverter a queda acentuada da economia estadunidense o *Federal Reserve*, banco central dos Estados Unidos, derrubaram os juros para 1% ao mês a fim de que os consumidores passassem a consumir mais e a adquirir mais bens. Dessa forma, a economia se aqueceria, geraria mais empregos e conseqüentemente a situação financeira dos Estados Unidos da America seria normalizada.

Tal taxa de juros, no entanto, não chegava a níveis tão baixos desde 1958 e, essa ação do FED por mais que previsse as conseqüências, não previa a intensidade a que elas chegariam.

Gráfico 6 – Taxa de Juros Norte Americana



Fonte: FED

http://macrobuddies.blogspot.com/2008_09_01_archive.html.

Neste gráfico podemos observar a intensidade da queda dos juros. Em janeiro de 2001 o Federal Reserve mantinham a taxa de juros a 6% ao mês. No meio do segundo trimestre de 2001 a taxa de juros já tinha caído pela metade, atingindo 3% ao mês, e em julho de 2003 a taxa de juros atingiu 1% ao mês.

O jornal Folha de São Paulo publicou em 25 de junho de 2003 uma matéria sobre a queda da taxa de juros. Segundo Sassarão em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u69295.shtml>:

A estimativa é que a inflação nos Estados Unidos encerre o ano entre zero e 1%. Nesse nível as empresas não têm condições de reajustar os preços de seus produtos para garantir o faturamento. Com menos dinheiro, o setor corporativo é obrigado a cortar custos e investimentos elevando ainda mais o desemprego e reduzindo o consumo.

Nesta matéria da época fica claro que todos estavam receosos quanto a deflação, porém, após algum tempo essa superestimação caiu por terra e a intervenção governamental estadunidense surtiu efeito e controlou a crise.

3.2 O “boom” imobiliário

A medida adotada pelo banco central norte americano de baixar os juros para 1% ao mês, não só aumentou o consumo de produtos industrializados como também incentivou o financiamento de imóveis.

Os bancos privados estimulados pela baixa taxa de juros facilitaram o acesso ao crédito através de hipotecas. Essa concessão de crédito foi classificada considerando os níveis de risco de cada proposta e a quantidade de pontos de cada cliente (os pontos são calculados através da análise do perfil do cliente), que são os seguintes:

- *Subprime*: Trata-se de empréstimos de alto risco e de longo prazo, concedido para clientes com pontuação abaixo 620 pontos.
- *Nom Prime*: Trata-se de empréstimos de risco moderado e de médio prazo, concedido para clientes com pontuação entre 620 a 659 pontos.
- *Prime*: Trata-se de empréstimos de baixo risco e de curto prazo, concedido para clientes com pontuação acima de 660 pontos.

Em 2005 comprar uma casa se tornou, portanto, um bom negócio, pois havia uma grande expectativa de valorização dos imóveis. Também aumentou a procura para novas hipotecas, a fim de usar o dinheiro do financiamento para pagar dívidas ou, na grande maioria dos casos, para simplesmente gastar.

Essa grande procura por imóveis fez com que eles se supervalorizassem e com isso, o valor pago pela hipoteca era superior ao valor real do imóvel.

A possibilidade de um mesmo cliente financiar dois ou mais imóveis aumentou, alarmantemente, o risco de inadimplência.

Os bancos aproveitaram a boa demanda pelo mercado imobiliário passaram a conceder crédito para o segmento subprime. O gráfico abaixo mostra o aumento do volume de crédito concedido a este segmento.

Gráfico 7 - Evolução dos Financiamentos Imobiliários Subprime



Fonte:BBC NEWS

Disponível

em:

<http://www.iedi.org.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=3380&sid=20&tpl=printerview&1=198>.

Podemos observar no gráfico 07 que a partir de 2003 o volume de financiamentos quase dobrou, passando de 350 bilhões de dólares para algo em torno de 650 bilhões de dólares em 2006. Tal aumento teve como elemento propulsor as baixas taxas de juros estabelecidas de Federal Reserve durante o ano de 2002.

No ano de 2003, influenciados pela crescente demanda por financiamentos hipotecários, os bancos passaram a emprestar mais dinheiro para clientes com históricos financeiros desfavoráveis, ou seja, os subprime. Analisando a linha vermelha que representa a participação, em porcentagem, dos financiamentos subprimes em relação aos demais, vemos que em 2002 a participação era de 7% do mercado e em 2006 chegou próximo aos 25%.

Temendo que a situação fugisse de seu controle o Federal Reserve, a partir de 2004, começou a elevar a taxa de juros.

Entre 2004 e 2006 o preço das habitações não parou de subir como vemos no gráfico abaixo. O período de maior valorização dos imóveis foi no começo do segundo semestre de 2005 onde houve uma valorização de 10% do valor dos imóveis.

Gráfico 8 – Preço dos imóveis residenciais nos EUA – 1992 a 2008



Fonte: OFHEO – Office Of Federal Housing Enterprise Oversight.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31572009000300016.

O período de maior valorização dos imóveis, segundo o gráfico, foi no começo do segundo semestre de 2005 onde houve uma valorização de 10% do valor dos imóveis. No entanto nota-se que após o terceiro trimestre de 2005 os valores dos imóveis começaram a despencar. Isso aconteceu devido ao grande índice de inadimplência que forçou os bancos a venderem os imóveis hipotecados. Dessa forma, houve uma grande oferta de imóveis no mercado que, por sua vez, forçaram o preço dos imóveis cair. A partir daí, a economia global acumulou sucessivas falências trazendo com elas uma grande recessão.

A falência que causou mais impacto na economia global foi a do banco de investimentos *Lehman Brothers Holdings*.

Criado em 1984, o banco *Lehman Brothers* tornou-se a maior fonte de fundos de Wall Street. Suas operações eram com governos, companhias e outras instituições financeiras e empregava 25 mil pessoas em todo o mundo. Seu principal negócio era a compra e venda de ações e ativos de renda fixa, pesquisa, gerenciamento de investimentos e fundos.

Como a maioria dos bancos concedeu empréstimos para os subprime, o volume de empréstimos foi o maior do país, por isso o índice de inadimplência também foi o maior do país. O jornal o estadão publicou em seu site no dia 15 de setembro de 2008:

No período de junho a agosto do ano passado, o banco anunciou uma baixa contábil de US\$700 milhões, ao revisar para baixo o valor de seus investimentos em hipotecas para imóveis residenciais e comerciais. Neste ano, esse valor subiu para US\$ 7,8 bilhões, levando o banco a anunciar, na semana passada, o maior prejuízo líquido de sua história. O banco também admitiu que ainda possuía US\$54 bilhões em investimento atrelados ao mercado imobiliário com risco potencial de difícil avaliação. (disponível em: http://www.estadao.com.br/economia/not_eco242104,0.htm)

O *Leman Brothers* era uma das principais bases de *Wall Street*, e quando esse gigante da economia norte americana declarou falência muitas outras empresas, a principal delas a seguradora *AIG*, também declararam.

As tabelas abaixo mostram os impactos que a crise dos subprimes causou na economia norte americana.

Tabela 3 - Indicadores Econômicos dos EUA: 2007-2009(março)

Indicadores	2007	2008	Dez-08	Jan-09	Fer-09	Mar-09
Taxa de Juros ¹ (Em%)	4,83	0,83	0,86	0,50	0,50	0,50
Consumo, todos os itens ¹						
Índice, 2005=100	106,2	110,2	107,6	108,1	108,7	108,9
Taxa de Variação (%)	2,9	3,8	0,1	0,0	0,2	-0,4
Produção Industrial ¹						
Índice 2005=100, sazonalidade ajustada	103,8	101,5	95,5	93,5	92,1	90,8
Taxa de Variação (%)	1,5	-2,2	-8,9	-10,7	-11,8	-12,8
Produto Nacional Bruto	2,2	0,08				
Desemprego ¹						
Taxa de desemprego	4,6	5,8	7,1	8,5	8,9	9,0
Tx de desemprego, sazonalidade ajustada	4,6	5,8	7,2	7,6	8,1	8,5

Fontes:¹ IMF, International Financial Statistics; e OECD

Disponível em: <http://www.ppage.ufrgs.br/akb/encontros/2010/05.pdf>.

Podemos ver nessa tabela que todos os indicadores sofreram fortes quedas com exceção dos índices de consumo que subiram levemente e posteriormente sofreram queda de 0,4%. Entre os déficits podemos destacar dois destes indicadores, o de

desemprego que dobrou neste período passando de 4,6% para 9%, e o índice de produção Industrial que justifica a queda dos demais indicadores. Com a diminuição na produção industrial diminuíram também os postos de trabalho e, havendo mais pessoas desempregadas o consumo de todos os itens cai num segundo momento.

Concluimos a análise desta tabela afirmando que a economia estadunidense sofreu um forte abalo econômico forçando a população do país mudar o famoso modo de vida americano, caracterizado pelo alto consumo, para um modo de vida mais contido e com menos gastos. Como consequência disto, houve déficit nos indicadores financeiros.

A tabela 04 revela os impactos da crise nas economias de maior influência no mercado global:

Tabela 4 – Taxa de Crescimento PIB (%) dos Países mais Influentes

(%)	2006	2007	2008	2009	2010 (Projeção)
Crescimento Mundial	5,1	5,0	3,2	[-3,5;-0,5]	[1,5;2,5]
Economias Avançadas	2,9	2,6	0,8	[-3,5;-3,0]	[0,0;0,5]
Estados Unidos	2,9	2,2	1,1	-2,6	0,2
Zona do Euro	2,8	2,6	0,9	-3,2	0,1
Japão	2,4	2,1	-0,7	-5,8	-0,2
Economias Emergentes	7,9	8,0	6,1	[1,5;2,5]	[3,5;4,5]
Argentina	8,5	8,6	6,5	0,0	1,5
Brasil	3,8	5,4	5,1	-1,3; -0,5; - 0,5; 2,5	3,5
China	11,6	11,9	9,7	6,7	8,0

Fonte:FMI

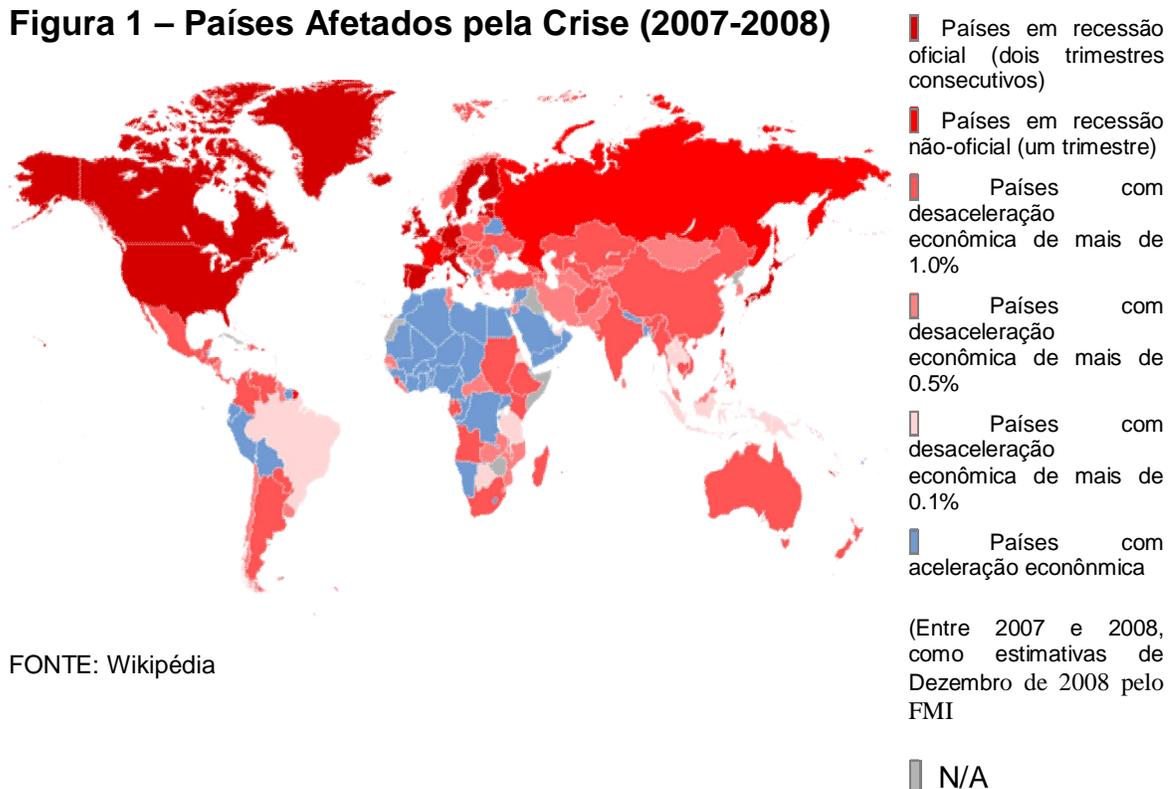
Disponível em: www.sinal.org.br/artigo192/artigos/Corecon_a_crise_subprime_e_crise_mundial.pdf.

A partir da tabela 04 notamos o quanto foi impactante a crise originária da bolha habitacional estadunidense em relação ao mercado financeiro mundial. Podemos observar que países com a economia mais consolidada como o Japão e os países que compõem a Zona do Euro foram afetados com maior intensidade do que os países emergentes como o Brasil e a China.

A China em especial se destaca pela capacidade de crescimento em meio à crise. Em todos os períodos analisados vemos que a China obteve uma taxa de crescimento muito superior ao crescimento mundial sendo o ano de 2010 o ano de maior destaque, pois a economia chinesa cresceu aproximadamente quatro vezes mais do que o crescimento mundial.

A crise se expandiu e alcançou os quatro cantos do globo, afetando todas as economias direta ou indiretamente. A figura a seguir ilustra a intensidade com que cada país foi afetado pela grande crise do século XXI:

Figura 1 – Países Afetados pela Crise (2007-2008)



FONTE: Wikipédia

O fato dos países desenvolvidos terem sentido mais os efeitos da crise do que os países em desenvolvimento se deve ao volume de negócios com outros países, pois sendo o dólar a moeda utilizada nas transações financeiras e, tendo o mesmo sofrido forte desvalorização, os países com maiores relações internacionais tiveram suas exportações prejudicadas e, conseqüentemente, uma queda na produção industrial.

Os países que mantinham fortes transações comerciais com os Estados Unidos também foram afetados pela crise visto que, com sua economia esfacelada, os norte-americanos acabaram reduzindo drasticamente as importações no intuito de fortalecer a economia interna.

No quarto trimestre de 2008 a recessão global já havia sido sentida por todos os países. Os bancos estadunidenses estavam totalmente à deriva e não havia outra solução a não ser uma intervenção radical dos governos.

Governos de todo o mundo anunciaram pacotes emergenciais de ações de contenção à recessão. No final de 2008 a Alemanha, a França, a Áustria, os Países Baixos e a Itália anunciaram pacotes que somaram cerca de U\$ 1,58 Trilhão com o intuito de ajudar seus sistemas financeiros a gerarem mais empregos e a aumentarem a produção e com isso, aquecer a economia tirando os países da recessão.

Aconteciam nesse período, nos Estados Unidos, reuniões e conferências em todos os níveis governamentais com discussões calorosas com a intenção de decidir se o Estado americano iria ou não intervir na economia, uma vez que, os Estados Unidos defendiam a lei do livre mercado.

Em janeiro de 2009 a Casa dos representantes (câmara dos deputados) dos Estados Unidos aprovou a proposta feita pelo presidente Barack Obama de um pacote de contensão de U\$ 819 bilhões. Com esse pacote o Estado americano socorreu os principais bancos do país e incentivou o consumo baixando novamente a taxa de juros.

No mês de Junho de 2009 a recessão que se arrastava desde o começo de 2007 havia sido controlada e o mercado mundial iniciou sua ascensão rumo aos níveis econômicos pós-crise que perdura até os dias atuais.

4. PARALELO ENTRE AS CRISES

Com as crises apresentadas, será traçado neste capítulo um paralelo entre a Grande Depressão Econômica da década de 30 e a Crise Imobiliária do século XXI com o objetivo de elencar as semelhanças e diferenças quanto as suas causas; seus impactos nos índices de produção industrial, desemprego e taxas de juros e os recursos utilizados para reverter as crises.

4.1 Paralelo entre as causas

Através da análise das duas crises percebe-se que, apesar de ambas terem começado no mesmo país, suas causas são divergentes.

A Grande Depressão Econômica de 1929 teve o setor produtivo como foco da crise, em consequência da má estratégia de protecionismo do Estado estadunidense e a recuperação da economia européia, criou-se um ambiente propício ao surgimento de crises. Ou seja, a recuperação da economia européia, que pode ser considerada como um fator externo, e a política errada de protecionismo causaram a diminuição de sua demanda pelos produtos norte-americanos, dando subsídios ao surgimento da crise. O fato do país em questão ter trabalhado com o padrão ouro e concedido um alto valor em empréstimos culminou num imenso problema com a liquidez.

As intervenções erradas na economia americana fizeram com que houvesse dificuldade em relação à previsão e à antecipação do mercado perante a crise.

Já na crise do *subprimes* a situação foi outra. As causas da crise partiram dos bancos privados estadunidenses, motivados pelas baixas taxas de juros, e teve como o foco o setor imobiliário. A falta de controle e regulamentação do governo norte americano nas transações financeiras, fizeram com que a situação se agravasse e, em 2005, quando o *Federal Reserve* subiu a taxa de juros para 15 % já

não se tinha tempo, o “boom” imobiliário já havia acontecido e a inadimplência oriunda dos empréstimos de alto risco foi inevitável.

4.2 Paralelo entre os Índices econômicos

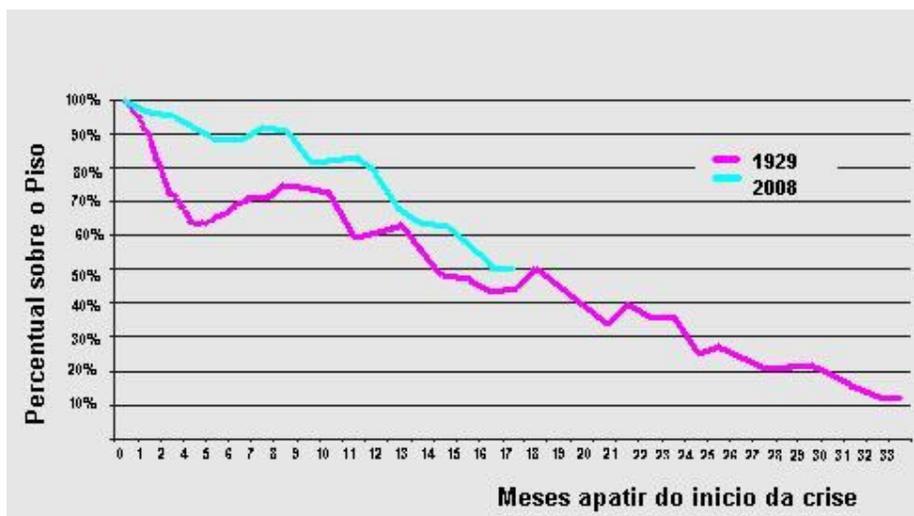
Serão analisadas neste tópico as conseqüências dessas duas crises na produção Industrial e os índices de desemprego nos Estados Unidos e no mundo.

4.2.1 Produção Industrial

Assim como nas causas, as duas crises também divergem quanto ao impacto na produção industrial. Em ambas a produção caiu em função da diminuição de demanda dos produtos. Na crise do século XXI a diminuição na demanda se deu pelo do endividamento da população e com isso, houve diminuição do poder de compra, levando a impacto moderado na produção industrial em relação à crise de 1929.

A Grande Depressão de 1929 teve sua produção industrial mais afetada do que na Crise Imobiliária. Por ter sido causada por uma crise no setor de produção, a economia produtiva praticamente parou. Um indicador dessa baixa é a variação do produto interno bruto dos Estados Unidos que passou de U\$103,7 em 1929 para U\$56,4 bilhões em 1932.

O gráfico 09, elaborado através da variação do produto interno bruto dos Estados Unidos, demonstra como a produção industrial foi muito mais afetada na grande crise de 1929 do que na crise dos subprimes de 2008:

Gráfico 9 - Paralelo Produção Industrial 1929 e 2008

Fonte: Dow Jones

Disponível em: http://www.webartigos.com/content_images/crise%20de%2029.bmp

Representada pela linha de cor azul o déficit na indústria norte americana durante a crise de 2008 teve queda de 50% em relação ao período anterior ao surgimento da bolha imobiliária. A Crise de 1929, representada pela linha de cor rosa, mostra que a grande depressão foi muito mais catastrófica para a indústria estadunidense, sendo que a produção caiu 90% em relação ao período anterior a 1929.

4.2.2 Desemprego

Em consequência da Crise de 1929, muitas empresas faliram e muitas outras reduziram sua produção drasticamente. Dessa forma, milhões de trabalhadores ficaram desempregados. O gráfico 3 no segundo capítulo mostra que, aproximadamente 10 milhões de empregos formais deixaram de existir nos Estados

Unidos e 20 milhões de trabalhadores perderam seus postos de trabalho nos outros países, totalizando 30 milhões de desempregados em todo o mundo. Este índice representou 1,5% da população mundial da época.

A crise de 2008 causou um impacto muito semelhante, o que, no entanto, a diferença é a intensidade com que a produção foi afetada. Como discutido no tópico acima, a queda da produção industrial na crise de 2008 foi mais amena se comparada à Crise de 1929, sendo que 0,33% da população mundial ficou desempregada em consequência da crise. Porém, deve ser levado em consideração o fato de que a população global é três vezes maior do que a de 1929, o que significa 20 milhões de trabalhadores sem emprego.

Portanto, como a oscilação no setor produtivo está intimamente ligada à oscilação das taxas de desemprego e, sendo a produção industrial foco da crise de 1929, podemos concluir que a Crise de 1929 apresenta uma taxa maior de desemprego pelo mesmo motivo do déficit de produção.

4.3 Paralelo entre as ações para reversão da crise

Foram necessárias várias tentativas de reversão para debelar a crise de 1929. O governo encontrou sérias dificuldades para colocar a economia nos trilhos novamente. Tal proeza só aconteceu mediante o lançamento do plano de contenção New Deal. Com ele o Estado norte americano injetou uma grande quantidade de capital na economia para que as empresas falidas se tornassem competitivas novamente e gerassem empregos. Além disso, o governo também reduziu a carga horária dos trabalhadores para aumentar, assim, o número de vagas de empregos. Com isso a economia vagarosamente foi recuperando sua liquidez e a sua integridade.

A falta de liquidez já não foi problema para o governo norte americano em 2008. Isso porque o país passou a adotar a política do câmbio flexível e esta constitui a principal diferença entre as crises.

Assim como em 1929, o governo também não teve êxito nas primeiras tentativas de reversão da crise de 2008, além disso, durante a crise dos subprimes o Estado norte americano hesitou em intervir, pois esperava que o próprio mercado absorvesse os efeitos da crise. Tal fato, entretanto, acabou não acontecendo e foi preciso a aprovação de um “pacote” econômico que consistia em injetar bilhões de dólares na economia com o intuito de livrar os bancos da falência, além de tornar pública a administração de empresas importantes como a seguradora AIG. Grande parte dos países afetados tomaram as mesmas medidas para reverter a crise.

4.4 Evolução econômica mundial

Traçando um paralelo entre as crises e analisando os motivos de suas diferenças, podemos elencar algumas mudanças na economia global que melhoraram as movimentações do mercado e possibilitaram a criação de ferramentas econômicas que possam auxiliar na solução de possíveis problemas.

Após 1929 ficou claro que economia mundial precisava de uma melhor regulamentação e uma medida preventiva ao surgimento das crises. Para isso, foram realizadas as conferências de Bretton Woods onde foi discutido o gerenciamento econômico mundial e, em 1944 estabeleceram-se regras para as relações comerciais e financeiras entre os países. Numa dessas conferências foi criado o BIRD, Banco mundial que fornece empréstimos avançados para países em desenvolvimento e em 1945 surgiu o Fundo Monetário Internacional (FMI) criado para assegurar o bom funcionamento do sistema financeiro mundial, monitorando as taxas de câmbio e o balanço de pagamentos e dando assistência técnica e financeira para os países que necessitarem. Foi também numa dessas conferências que foi extinto o padrão ouro.

Além dessas duas ferramentas criadas durante a conferência de *Bretton Woods*, foi criado em 1995 a Organização Mundial do Comércio (OMC) que tem como função

firmar e gerenciar os acordos internacionais além de combater a concorrência desleal entre os mercados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fica claro no decorrer desse trabalho que a compreensão sobre, as crises são de grande importância para o desenvolvimento da economia mundial. Como visto no primeiro capítulo, as depressões econômicas fazem parte de um ciclo em que depois de uma grande queda inicia-se uma iminente recuperação. É durante esta recuperação que a economia se desenvolve.

Pelo fato dessas o que ocorreu após a Grande Depressão Econômica de 1929, onde os países se moveram com intuito de desenvolver mecanismos que os possibilitassem administrar e regular o mercado com maior eficácia. Certamente a crise de 2008 também trouxe e ainda trará desenvolvimento à economia assim como na década de XX.

Por essas duas crises terem sido dois grandes marcos na história econômica mundial e por ambas terem posto a prova a força do capitalismo é que as mesmas foram comparadas no presente trabalho.

Através desta comparação foi possível concluir que a Crise de 1929 foi muito mais destrutiva do que a de 2008. A soma dos fatores presentes na Grande Depressão, tais como predominância do padrão ouro, mau posicionamento dos Estados Unidos diante da crise e a falta de mecanismos administrativos para revertê-la, maximizaram a depressão de 1929 tornando-a referência para a comunidade econômica mundial como a maior crise já vista.

Porém, não se deve menosprezar a Crise Imobiliária que, assim como em 1929, teve o mau posicionamento do governo do Estados Unidos como fator potencializante. Como consequência, milhares de empresas de todo o mundo foram à falência, mas o fato da atual economia contar com ferramentas como o Bird, o FMI e até mesmo a OMC, minimizou consideravelmente os seus efeitos.

A globalização é um fator que deve ser analisado à parte pois, assim como contribuiu na rápida propagação da crise, também possibilitou que os agentes

econômicos de todas as partes do mundo interagissem num esforço mútuo para reversão da mesma.

REFERÊNCIAS.

ALEXANDER, Michael A. Generations and Business Cycles. Disponível em: <http://www.safehaven.com/article/85/generations-and-business-cycles-part-i> Acesso em 05 de Agosto de 2010.

FERRARI, Fernando Ferrari Filho, A Crise Financeira Internacional: Origem, impactos e Perspectivas. Disponível em: http://www.sinal.org.br/artigo192/artigos/Corecon_a_crise_subprime_e_crise_mundial.pdf. Acesso em 19 de outubro de 2010.

Frieden, Jeffrey A., O Capitalismo Global Historia Econômica e Política do século XX. Tradução Vivian Mannheimer, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 2008.

GRIECO, Francisco de Assis. O Comércio Exterior e as Crises Financeiras. São Paulo. Ed. Aduaneiras, 1999

KALECKI, Michal. Crescimento e Ciclos das Economias Capitalistas. São Paulo. Hucitec. Disponível: <http://www.eumed.net/cursecon/libreria/2004/lgs-ens/14.htm>. Acesso em: 01 de Agosto de 2010.

KRUGMAN, Paul. A Crise de 2008 e a Economia da Depressão. Tradução Afonso Celso da Cunha Serra. Rio de Janeiro. Ed Elsevier, 2009.

MUNIZ, Rodrigo Campideli Saraiva. Mercado Acionário Brasileiro: Evolução Econômica na Década de 90 do Século XX. 2006. 78p. Monografia - Instituto Educacional de Ensino Superior de Assis - Fundação Educacional do Município de Assis. São Paulo, Assis, 2006.

NECESIO, Sarchel, As 10 Maiores Crises Econômicas. São Paulo. Disponível: <http://www.revistaplatina.com/wrapper/3968-as-10-maiores-criSES-economicas>. Acesso em: 30 de Julho de 2010.

ROCKOFF, Hugh. U.S Economy In World War 1. Disponível em: <http://eh.net/encyclopedia/article/Rockoff.WWI>. Acesso em 06 de agosto de 2010.

ROTHBARFD, Murray N. Depressões Econômicas: a Causa e a Cura. Disponível em: <http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/Artigos/Artigos-sobre-Economia/depressoes-economicas-a-causa-e-a-cura.html>. Acesso em: 30 de Julho de 2010.

SCHUMPETER, J. A Teria do Desenvolvimento Econômico. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura. Disponível em: <http://www.eumed.net/cursecon/libreria/2004/lgs-ens/14.htm>. Acesso em: 01 de Agosto de 2010

STUFF, RANDOM. Nikolai Kondratieff Já Sabia da Crise. Disponível e: <http://jackblackjack.com.br/nikolai-kondratieff-ja-sabia-da-criSE/>. Acesso em 05 de Agosto de 2010